

**A AMICITIA NAS REDES DE
SOCIABILIDADE NA REPÚBLICA
ROMANA: O CASO DE CÍCERO
E POMPEU (IAEC)**

RAFAELA MANHA DA COSTA* 
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO", FRANCA,
SÃO PAULO, BRASIL

RESUMO

Dentro do cenário de disputas à consolidação política e crises no último século da República Romana, as redes de interação interpessoal emergem como um recurso primável àqueles indivíduos públicos que buscavam ascender na carreira pública. Assim, buscando ampliar a discussão a respeito da magnificência da sociabilidade dentro da República Romana, o artigo volta-se à figura do senador Marco Túlio Cícero, o qual enquanto um homem novo usufruiu enormemente de seus relacionamentos interdependentes. Discutindo a maleabilidade desses vínculos à época, considera-se a relevância da *amicitia* ciceroniana como uma ferramenta à resolução de crises. Matizando essa discussão, expõe-se a aproximação entre Cícero e Pompeu, refletindo como essa sociabilidade entre as partes garantiu uma influência recíproca na construção de suas carreiras.

Palavras-chave: Cícero; Sociabilidade; *Amicitia*.

ABSTRACT

Within the scenario of disputes to political consolidation and crises in the last century of the Roman Republic, the networks of interpersonal interaction emerge as a primable resource for those public individuals who sought to ascend in the public career. Thus, seeking to broaden the discussion about the magnificence of sociability within the Roman Republic, the article turns to the figure of Senator Marco Túlio Cicero, who as a new man greatly enjoyed his interdependent relationships. Discussing the malleability of these bonds at the time, the relevance of the Ciceronian *amicitia* as a tool for crisis resolution is considered. In this discussion, the approach between Cicero and Pompey is exposed, reflecting on how this sociability between the parties ensured a reciprocal influence on the construction of their careers.

Keywords: Cicero; Sociability; *Amicitia*.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Email: rafaela.manha@unesp.br. Bolsista FAPESP, processo número: 2023/03285-8.

RESUMEN

En el escenario de disputas por la consolidación política y las crisis del último siglo de la República Romana, las redes de interacción interpersonal emergen como un recurso primordial para aquellos individuos públicos que buscaban ascender en la carrera pública. Así, buscando ampliar la discusión sobre la magnificencia de la sociabilidad dentro de la República Romana, el artículo recurre a la figura del senador Marco Tulio Cícero, quien siendo joven se benefició enormemente de sus relaciones de interdependencia. Al discutir la maleabilidad de estos vínculos en la época, se considera la relevancia de la *amicicia* ciceroniana como herramienta para la resolución de crisis. Dando forma a esta discusión, se expone el acercamiento entre Cicerón y Pompeyo, reflejando cómo esta sociabilidad entre las partes garantizaba una influencia recíproca en la construcción de sus carreras.

Palabras clave: Cicerón; Sociabilidad; *Amicitia*.

INTRODUÇÃO

O último século da República Romana comporta uma série de conflitos e disputas no âmbito externo e interno do cenário político. No entremeio dessas crises que foram desdobrando-se, em especial na segunda metade desse período, é possível colorir a importância que os relacionamentos interpessoais tiveram na República. O espaço público à época era um universo compartilhado por diferentes grupos. Com objetivos e estratégias particulares, os homens dedicados a ocupar esse local viviam entre disputas internas e alianças significativas. Embora a historiografia tradicional circunscreva essa discussão apenas aos círculos políticos dos *optimates* e *populares*¹, é necessário observarmos a amplitude das alianças formadas e as múltiplas interações – sejam de convergência ou divergência – que ocorriam entre as figuras públicas na ocasião. O regime republicano tinha seu poder estruturado em diferentes níveis, constituído pelo Senado, magistrados e outros complexos conjuntos da sociedade. Nesse sentido, entende-se como os vínculos políticos eram um elemento basilar à vida política romana².

Despontando os estudos sobre o referido aspecto da interação pública na Antiguidade, Cristina Rosillo-López recorta em seus trabalhos recentes a indispensabilidade das conexões e articulações informais àqueles indivíduos que buscavam uma carreira promissora na República.

¹ Vale frisar a importância dessas denominações serem tomadas com criticidade, desde que existem dificuldades históricas em enquadrar as figuras públicas à época nesses círculos específicos. Cf. LINTOTT, A. The crises of the Republic: sources and source-problems. In: CROOK, J.; LINTOTT, A.; RAWSON, E. (ed.). *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008a, p. 1-16. v. 9. Ainda assim, de maneira geral, são tradicionalmente classificados como *optimates* aqueles homens voltados à tradição romana, os quais usualmente colocavam-se contrários às mudanças nas leis da República. Já os *populares* são associados àquelas figuras que defendiam os grupos mais excluídos da sociedade, voltando-se para a plebe romana, incentivando leis que fossem capazes de remediar as discrepâncias, por exemplo, a distribuição de grãos e de terras. PÉREZ MEDINA, S. V. *Pompeyo, Craso y César (71-49 a.C.): sus actividades, relaciones personales y contactos políticos en la crisis de la república romana*. Tese (Doutorado em História Antiga) – Facultad de Geografía e Historia, Madrid, 2015, p. 420-427.

² STEEL, C. *The End of the Roman Republic, 146 to 44 B.C.* Edinburgh: University Press, 2013, p. 1.

Nas palavras da autora, as políticas romanas do século I AEC, “[...] não eram formadas ou controladas por partidos ou famílias; alianças políticas eram estabelecidas por um período específico entre indivíduos que compartilhavam um interesse comum sobre determinada situação”³. Quando adentramos as décadas turbulentas do último século da República, fica evidente que os relacionamentos interpessoais eram um fator valioso na esfera governamental, afinal, era por meio desses vínculos que aqueles homens políticos eram capazes de promoverem-se em eleições, criar redes de segurança frente à progressiva violência e, especialmente, fortalecer sua imagem contra os concorrentes. O uso das conexões de clientela ou dos vínculos de vizinhança (*vicinitas*) eram, portanto, habituais à formação de proteção pessoal, bem como à imposição de interesses próprios⁴.

À vista disso, o objetivo deste artigo é discutir a relevância que os relacionamentos de interdependência, isto é, as redes de sociabilidade, possuíam na segunda metade do século I AEC. Foco especial será dado ao senador romano Marco Túlio Cícero, uma figura central no que concerne à relevância e poder das redes para a execução de um bom projeto político em meio à crise. Assim, para o desdobramento desta análise, utilizar-se-á como linha explicativa o vínculo que esse senador mantinha com Pompeu Magno, general e político romano. Charles Williams Júnior⁵ apresenta de maneira rica a interação que havia entre essas duas figuras, observando o impacto mútuo de tal vínculo à República e as implicações dos eventos e crises do governo sobre o relacionamento de ambos. Todavia, o autor não aborda propriamente o debate sobre sociabilidade e os usos políticos que poderiam advir dessas articulações – o que se propõe nesta publicação. A pertinência da aproximação que Cícero mantinha com Pompeu fica explícita na documentação do primeiro, sobretudo em suas epístolas. São as cartas que nos permitem visualizar, de maneira mais direta, o papel central que Pompeu executou em períodos determinantes ao circuito público de Cícero.

Para alavancarmos o raciocínio, faz-se necessário colorir o conceito de sociabilidade e elucidar alguns elementos dessa interação na Antiguidade, considerando sua realização na República. Aventando o termo sociabilidade, Georg Simmel concebeu que o estabelecimento de conexões entre indivíduos é o cerne da constituição de uma sociedade, na medida em que elas são

3 ROSILLO LÓPEZ, C. Informal political communication and network theory in the Late Roman Republic. *Journal of Historical Network Research*, v. 4, p. 90-113, 2020, p. 92.

4 TATUM, J. Gang Violence in the Late Roman Republic. In: FAGAN, G. E. et al. (ed.). *The Cambridge World History of Violence: The Prehistoric and Ancient Worlds*. Cambridge: University Printing House, 2020, p. 400-418, p. 406-412.

5 WILLIAM JÚNIOR, C. E. *Pompey and Cicero: an alliance of convenience*. Thesis (Master of Arts) – Texas State University, San Marcos, 2013.

fundamentadas para os interesses singulares dos sujeitos envolvidos⁶. Ainda nesse segmento, quando Jean-Pierre Rioux discute a associação, considerando seus aspectos políticos, ele reconhece que os agrupamentos de indivíduos podem receber denominações diferentes – tal como liga, associação ou vínculos –, mas que, de maneira geral, indicam o mesmo direcionamento: organizações com um objetivo visível. Isto é, grupos constituídos a partir da articulação de interesses comuns e próprios àqueles sujeitos, formações essas que acabam por gerar diferentes tipos de pressões sobre a opinião e poder público⁷. A partir disso, enquadrando a sociabilidade à sociedade antiga e às suas atividades públicas, ou seja, ao universo compartilhado que comportava conflitos internos diversos e simultâneos, destacamos a elaboração de Rosillo-López:

A sociabilidade pode ser definida como a habilidade geral de ter relacionamentos plenos com os outros e encontrar-se frequentemente com seus pares. Esse processo constrói e difunde a opinião pública, alimentando e fomentando a socialização política, entendida como o processo através do qual se consolidam atitudes e comportamentos políticos junto dos cidadãos⁸.

Nesse ínterim, depreende-se que a própria dinâmica da carreira pública, em particular para aqueles homens que almejavam à estabilidade política e sucesso em sua trajetória, dependia dos vínculos que eram estabelecidos e da boa articulação que essas figuras eram capazes de manter. Isso fica notório na prática eleitoral realizada pelos homens dessa sociedade. Desde que não existiam partidos como um coletivo para eleição, era necessário que esses sujeitos administrassem sua própria imagem e construíssem as pontes basilares para a vitória. Dessa maneira, a colaboração por meio de relacionamentos interpessoais, como por exemplo a amizade, era um caminho benéfico⁹ e muito utilizado. Não apenas durante a República, mas por toda a Antiguidade, as redes de contato e suas obrigações estavam presentes na interação social¹⁰.

Tais ligações poderiam ocorrer em diferentes contextos, com naturezas e objetivos singulares, podendo ser estabelecidas por meio de casamento, obrigações hereditárias, sociabilidade de vizinhança, *amicitia*, entre outros laços¹¹. Como consequência, as pesquisas historiográficas têm seguido caminhos variados, com estudos voltados para a compreensão dos relacionamentos de *vicinitas*, *hospitium*, patronagem, amizade, como veremos mais à frente¹². Ao investigar as

6 SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Zahar: Rio de Janeiro, 2006, p. 60.

7 RIOUX, J. P. A associação em política. In: RÉMOND, R. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 99-140, p. 103.

8 ROSILLO-LÓPEZ, C. *Public opinion and politics in the Late Roman Republic*. New York: Cambridge University Press, 2017, p. 47.

9 ROSILLO-LÓPEZ, C. *Political conversations in Late Republican Rome*. New York: Oxford University Press, 2022, p. 6.

10 LOMAS, K. Vicinitas: neighborhoods, networks and identities in Ciceronian Italy. *Gerión, Revista de Historia Antigua*, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 51-73, 2019, p. 52.

11 LOMAS, K. The weakest link: elite social networks in Republican Italy. In: ROSELAAR, S. T. (ed.). *Processes of integration and identity formation in the Roman Republic*. Leiden: Brill, 2012, p. 197-215, p. 197.

12 Ver trabalhos de Kathryn Lomas, *The weakest link: elite social networks in Republican Italy e Vicinitas: neighborhoods, networks and identities in Ciceronian Italy* (2012) e *Vicinitas: neighborhoods, networks and identities in Ciceronian Italy* (2019), *Reading Roman friendship* de Craig

relações de sociabilidade na Antiguidade, é necessário, também, considerar as ambiguidades que, por vezes, transpassam o debate histórico. Isso advém da variedade de vínculos que havia somada à imprecisão de classificações presente nas próprias documentações. Sobre isso, Kathryn Lomas considera que Cícero, em um olhar amplo, ilustra seus laços de modo irrestrito, utilizando descrições e vocábulos maleáveis¹³. Com isso em mente, torna-se compreensível a incidência da discussão acerca de definições, limites e aplicabilidade desses múltiplos vínculos.

Ainda considerando a sociabilidade na Antiguidade, depreende-se a importância que tinha a comunicação informal em sua efetuação. Eram os encontros corriqueiros, conversas extraoficiais, comunicados espontâneos e sem vigilância que promoviam a socialização entre os indivíduos. Essa troca de informações transcendia à arquitetura, a qual era estabelecida de maneira a facilitar as interações sociais e a circulação de opiniões¹⁴, como se vê na proximidade que havia entre o fórum e centros comerciais – o que permitia um maior compartilhamento de ideias, acontecimentos, rumores em geral¹⁵. Em acréscimo, quando consideramos a sociabilidade e a comunicação estabelecida no Mundo Antigo, é imprescindível apontar o valor que o câmbio epistolar tinha à época, na medida em que as conversas orais não eram possíveis em todos os momentos¹⁶. Naturalmente, havia uma preferência pelo contato face a face à comunicação escrita, posto as dificuldades que cercavam o envio de mensagens redigidas¹⁷. Por conseguinte, quando nos voltamos para o epistolário ciceroniano, encontramos registros ricos sobre o século I AEC que retratam, sobretudo, a segunda metade desse período. Por essa razão, torna-se possível conceber as articulações desse arpinate¹⁸, mapeando suas redes de contato e as informações que trocava.

Apesar de a comunicação ser fundamental na estrutura das referidas ligações, e ainda que elas possuíssem uma influência considerável àquela sociedade, vale ressaltar que os relacionamentos não eram tão fixos quanto se pode concluir. As redes de sociabilidade eram atravessadas por eventos do cotidiano e, desse modo, era inevitável que as aproximações feitas entre os cidadãos da República fossem afetadas por circunstâncias externas. Um exemplo disso reside nos diferentes momentos do relacionamento de Cícero e Pompeu, que alternava entre períodos de divergência e

Williams (2012); *The fall of Roman Republic and related essays* de Peter Brunt (1988); *A amizade no mundo clássico* de David Konstan (2005).

13 LOMAS, 2012, p. 210.

14 ROSILLO-LÓPEZ, C., 2017, p. 47.

15 ROSILLO-LÓPEZ, C., 2017, p. 58-60.

16 WHITE, P. *Cicero in letters: epistolary relations of the Late Republic*. New York: Oxford University Press, 2010.

17 O *cursus publicus*, uma espécie de serviço postal, só viria a surgir depois do governo de Augusto. Nesse sentido, até o final da República, aqueles que desejavam manter contato por meio de missivas estavam restritos a meios particulares e redes de confiança próprias (PINA POLO, 2017, p. 82).

18 Adjetivo empregado como referência à sua origem no Arpino, região próxima de Roma.

convergência política conforme eram acometidos por acontecimentos paralelos¹⁹. Isso, inclusive, verifica-se na própria aplicação ciceroniana do conceito de amizade romana (*amicitia*), tendo em vista a grande flexibilidade demonstrada pelo orador ao empregá-la para contexto múltiplos, ou seja, direcionando os usos conforme lhe interessava²⁰. Nota-se, todavia, que embora as ligações pudessem ser instáveis, os objetivos de cada indivíduos em suas redes estavam seguros. Sobre esse elemento, Mark Granovetter²¹ afirma ser exatamente pelo fato de os relacionamentos, por vezes, possuírem laços fracos que eles prosperam. Afinal, conforme o autor, a “fraqueza” de uma conexão indica que os envolvidos se encontram mais livres para orbitarem outros grupos sociais, alcançando outras pessoas e, como efeito, eles ampliam a possibilidade de alianças e o acesso a informações valiosas²².

A REDE DE SOCIABILIDADE ARTICULADA POR CÍCERO E SUA FLEXIBILIDADE

Tanto quanto qualquer outro indivíduo interessado na ascensão política, Cícero contou com suas redes de apoio para a construção de uma carreira em Roma. Na formulação desse raciocínio é preciso considerar que o senador era avaliado como um homem novo, o que significava ser o primeiro de sua família a ingressar na trajetória pública romana. Assim, lançou-se ao *cursus honorum* sem contar com o apoio político-social de ancestrais ou familiares estabelecidos naquele espaço²³. Frente à aristocracia republicana, Cícero buscava cultivar vínculos frutíferos com figuras que pudessem lhe garantir algum nível de segurança em momentos de crise. Logo, conjectura-se quão atento e dependente o orador era de suas ligações.

Nicholas Rauh demonstra que Cícero possuía uma extensa e harmonizada malha de relacionamentos que lhe ofereciam uma assistência muito benéfica, como aqueles mantidos com diferentes homens de negócios. Alguns desses círculos eram intermediados por Ático – equestre influente e amigo próximo de Cícero – e outros eram mantidos pelo arpinate de maneira individual²⁴. Nota-se como Cícero se encontrava inserido em relacionamentos onde a troca

19 WILLIAM JR, 2013.

20 MOFFIT-BROWN, M. *Cicero and his exploration of friendship*. Thesis (Bachelor of Arts in Classics) – Honors Program Theses, University of Puget Sound, Tacoma, 2019, p. 4.

21 GRANOVETTER, M. The strength of weak ties: a network theory revisited. *American Journal of Sociology*, v. 1, n. 6, p. 201-230, 1983.

22 GRANOVETTER, 1983, p. 205.

23 O *cursus honorum* era um caminho de progressão de cargos políticos romanos durante o período da República. Era uma sequência de cargos públicos que os políticos geralmente seguiam ao longo de suas carreiras. O sistema foi projetado para promover a experiência em uma variedade de funções antes de alcançar posições de alto nível e para manter um certo equilíbrio de poder.

24 RAUH, N. Finance and estates sales in Republican Rome. *Vita e Pensiero*, n. 63, p. 45-76, 1986.

financeira era um eixo importante, sobretudo ao considerar como contatos de negócios poderiam garantir meios de serviços privados e comerciais, além de projetos e objetos valiosos²⁵.

Avançando sobre as considerações supracitadas, Lomas argumenta que os laços de *vicinitas* desempenharam um papel imprescindível na carreira de Cícero, principalmente à promoção de relacionamentos com outros aristocratas romanos. Há um complexo escopo latino com relação ao significado do conceito de *vicinitas*, que, de maneira geral, era entendido como laços em nível local ou regional que garantiam lealdade por meio do senso de vizinhança²⁶. Nesse caso, o grau de obrigatoriedade e intimidade era reduzido quando comparado às associações de amizades ou familiares. Ainda assim, Cícero usufruiu consideravelmente desse modelo de sociabilidade, o que se verifica em seus registros epistolares e discursos – embora faça descrições mais pontuais do que para outros tipos de relacionamentos²⁷.

Além dos laços de *vicinitas*, outro caminho para a sociabilidade era o dos relacionamentos de *amicitia*. Esse era um vínculo complexo e antigo que se encontra atravessado por imprecisões em seu significado entre os próprios escritores à época. Nesse sentido, Koenraad Verboven²⁸ realiza uma interessante condensação a respeito desse debate, destacando como as interpretações históricas da década de 1950 conferiam um caráter instrumental à amizade e expõe como foram confrontadas pelas reconfigurações apresentadas na década de 1980, quando pesquisadores passaram a conjecturar que a *amicitia* estruturava-se na afeição mútua, podendo facultativamente envolver trocas de favores.

Aqui convém mencionar o trabalho de Peter Brunt²⁹, o qual conjectura que a amizade romana era estruturada no afeto recíproco, embora troca de gentilezas pudessem ocorrer em caráter facultativo. Opondo-se à essa perspectiva, David Konstan³⁰ interpreta que a *amicitia* ocorria, apenas, pelo sentimento de amor e intimidade, colocando a relação em uma esfera afastada de qualquer interesse político ou econômico. Acrescenta-se, também, o raciocínio articulado por Verboven³¹, no qual o autor aglutina as ideias de que tanto a troca de serviços quanto o sentimento de afeição eram intrínsecos à *amicitia*. Em outras palavras, a afetividade era nutrida exatamente

25 RAUH, 1986, p. 29.

26 LOMAS, 2019, p. 53.

27 LOMAS, 2019, 55; 62; 63.

28 VERBOVEN, K. Friendship. In: PEACHIN, M. (ed.). *The Oxford Handbook of Social Relations in the Roman World*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 404-421.

29 BRUNT, 1988.

30 KONSTAN, D. *A amizade no mundo clássico*. Tradução Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.

31 VERBOVEN, K. The utility of affection: towards a new approach to 'friendship' in ancient Rome. In: "*Actor, agency, network*": personal relations as structuring elements in the formation of broader networks (Late antiquity until early modern times) – Studiedag aan de VUB, georganiseerd door het Medieval Friendship Network, Brussels, 2006.

por meio das trocas mútuas efetuadas entre dois amigos³². Ao analisar diversos autores latinos, Craig Williams³³ discorre que a amizade romana é apresentada como um vínculo para os momentos difíceis, formada entre homens bons que se preocupam em garantir o melhor para seu amigo. Além disso, ela seria manifestada de maneira unidirecional, devota e desprovida de interesses previamente estabelecidos.

A partir da leitura crítica dos textos antigos é possível, no entanto, conceber que há um nítido distanciamento entre o que era idealizado pelos autores e a prática em si desse laço. Realçando mais propriamente a definição apresentada por Cícero, é preciso salientar que ele escreveu o tratado *De Amicitia* em 44 AEC, havendo dedicado ao seu amigo Ático. Nesse trabalho, Cícero oferece explicações a respeito do que seria uma amizade verdadeira (*vera et perfecta amicitia*), lê-se um relacionamento afetuoso e sem objetivos egoístas entre homens bons. Estruturando o assunto por meio do diálogo entre Lélcio, Fânio e Scévola, o orador busca afastar a noção utilitária da *amicitia* e, para esse fim, expõe a dinâmica natural e virtuosa que deveria envolver os indivíduos inseridos numa relação de amizade. Por meio da fala de Lélcio, a perspectiva ciceroniana fica evidente: a virtude era a grande base da aproximação amigável, sendo a responsável por alimentar a afeição, o que, por conseguinte, proporcionava a amizade pura³⁴.

A respeito do conceito de *amicitia*, Madison Moffitt-Brown³⁵ postula que a definição ciceroniana é maleável e, por isso mesmo, o orador aproveitou-se de tal característica ao aplicá-la em seus vínculos próximos. De acordo a autora: “Em seus escritos, Cícero trata amizade e os valores associados de forma diferente, dependendo do período e da situação”³⁶. Nesse sentido, o arpinate indicava o que era uma boa amizade e suas qualidades a partir do contexto que estava inserido, notoriamente flexibilizando-a para seus próprios fins. Entendendo que o próprio tratado sobre amizade responde ao contexto específico em que foi redigido, Moffitt-Brown recorda que se inicialmente a amizade emergia como um caminho para o poder e segurança, circunscrito aos eventos do final da República, Cícero passa a colocá-la como um relacionamento importante, mas que deve estar em plano secundário à *Res publica*³⁷.

Posto isso, nota-se também o sentido que deu para a amizade quando esteve exilado. Na correspondência desse período, especialmente nas cartas a Ático – seu principal correspondente

32 VERBOVEN, 2006, p. 9.

33 WILLIAMS, 2012.

34 CÍCERO, M. T. Capítulo VIII, n. 26. In: *Sobre a amizade (De amicitia)*. Tradução, introdução e notas de João Teodoro d'Olim Marote. Nova Alexandria: São Paulo, 2006.

35 MOFFITT-BROWN, 2019, p. 5.

36 MOFFITT-BROWN, 2019, p. 4.

37 MOFFITT-BROWN, 2019, p. 23.

–, *amicitia* emerge como um meio para assegurar interesses e troca de serviços³⁸. Matizando a relevância que a sociabilidade teve para o arpinate, Alessandro Carvalho Oliveira³⁹ destaca o papel que os amigos desempenharam na articulação da restauração ciceroniana a Roma. Isto é, enquanto esteve isolado geográfica e politicamente, Cícero dependeu exclusivamente de seus contatos, mais ainda da *amicitia* que mantinha com eles, para acessar a República e buscar maneiras de garantir seu retorno. Nesse aspecto, destaca-se o papel de negociador desempenhado por Ático, quem recebia as informações de Cícero por meio das cartas e as articulava entre os apoiadores em Roma. Além desse último, outra participação de extrema relevância nessa rede de amigos envolvidos com a causa ciceroniana era Pompeu, dado o impulso que ofereceu à articulação do retorno do exilado⁴⁰.

A partir da discussão apresentada acima, é indiscutível o valor que Cícero atribuía aos seus vínculos pessoais. De tal modo, há um consenso entre os historiadores no que diz respeito à dedicação – com manutenções e cuidados – que ele possuía com sua rede de amizade⁴¹. A esse respeito, Oliveira⁴² parte do princípio de que o relacionamento da amizade romana exigia manutenções, como componente do seu ritual e de sua duração. Esse cuidado poderia ocorrer desde o contato pessoal, com o auxílio em situações do cotidiano e ações verbais, ou até mesmo por comunicação escrita. Assim, Oliveira reflete que as epístolas de Cícero são compostas por uma polidez manifesta, entendendo que o arpinate utilizava desse meio de comunicação para manter suas interações de amizade estáveis e duradouras. O autor acrescenta ainda como é perceptível a flutuação que tem o conceito de *amicitia* nessas cartas, sendo manejado conforme o destinatário e a posição política ou pública da conversa⁴³.

As ponderações apresentadas acima, no tocante à sociabilidade ciceroniana e à magnitude que a amizade tinha na realização de sua rede de conexões, podem ser observadas em diferentes relacionamentos mantidos pelo orador. Visando os propósitos deste artigo, que se traduz em ampliar o debate sobre a sociabilidade na República Romana e pensar a flexibilidade que Cícero conferia aos seus relacionamentos, seguiremos em direção ao laço instável – mas muito frutífero – que manteve com Pompeu. Assim, exploraremos a seguir o quão maleável era o vínculo mantido

38 Tema explorado por nós na Monografia de Iniciação Científica FAPESP, processo n. 22/00505-4.

39 OLIVEIRA, A. C. *QVID ENIM SVM?* O lugar do exilado na epistolografia ciceroniana. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

40 SEAGER, R. *Pompey the great: a political biography*. New Jersey: Blackwell Publishing, 2002.

41 LOMAS, 2019.

42 OLIVEIRA, A. C. A manutenção da *amicitia* a partir das estratégias de polidez das *epistolae ad familiares* de Cícero. *Verbum*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 100-114, 2021.

43 OLIVEIRA, 2021, p. 104-105.

entre esses dois indivíduos, ressaltando que essa característica não tornava o contato interpessoal menos eficaz em seus objetivos.

CÍCERO E POMPEU: A PRÁTICA DA SOCIABILIDADE

Antes de tratarmos sobre a sociabilidade que havia entre Cícero e Pompeu, faz-se indispensável tecermos algumas reflexões sobre quem eram propriamente esses homens. Cabe observarmos, também, que existe um distanciamento entre a historiografia brasileira e as pesquisas históricas no âmbito internacional sobre a investigação desses homens, especialmente no que concerne a Pompeu.

Dito isso, consideremos inicialmente a figura política e militar de Pompeu Magno, comandante na segunda metade do século I AEC. O período com mais dados acerca da vida desse general é a década de 50, uma vez que há uma grande cobertura dos eventos envolvendo Pompeu por meio da documentação ciceroniana, em especial no material epistolar. Ligado à *gens Pompeii*, Pompeu tinha origem na região do Piceno, área situada nos montes Apeninos na zona média do Adriático⁴⁴. Seu pai foi Pompeu Estrabão, conhecido por cultivar aliados italianos, o que lhe permitiu a construção de boas relações e a estruturação de uma clientela poderosa ao redor do Piceno; acrescenta-se também sua eleição ao consulado em 89 AEC e a participação que teve na Guerra Civil entre Sula e Caio Mário⁴⁵.

Segundo Amela Valverde⁴⁶, compreender quem foi Estrabão é indispensável quando se almeja traçar a figura pública de Pompeu, pois a influência militar do pai marcou expressivamente a formação do filho. Inclusive, a mesma autora teoriza que as primeiras atividades político-militares de Pompeu foram sob o comando paterno; para além do fato que, embora Pompeu Estrabão não tenha conquistado popularidade entre os romanos à época, suas alianças, recursos e patrimônio territorial garantiram o alavancamento do filho na República Romana⁴⁷. A trajetória de Pompeu é recorrentemente apontada como extraordinária, característica que se apresenta não apenas por suas conquistas, mas também por ter feito um caminho avesso à tradição romana, isto é, sem respeitar os requisitos do *cursus honorum*⁴⁸.

44 VALVERDE, A. L. *Cneo Pompeyo Magno: el defensor de la República Romana*. Madrid: Signifer Libros, 2003.

45 SEAGER, 2002.

46 AMELA VALVERDE, 2003, p. 16.

47 AMELA VALVERDE, 2003.

48 AZKONA, Arrizen Lekue. *La Constitución Romana Republicanana: Cneo Pompeyo Magno*. Monografía (Estudios Clásicos, Historia Antigua) – Universidad del País Vasco, Leioa, 2022.

Localizando de maneira expressa, a carreira de Pompeu teve início quando optou por juntar-se à causa de Sula na guerra, em 82 AEC. A vitória contra a resistência adversária liderada pelas tropas de Domítio na região da África, deu um grande impulso à carreira de Pompeu⁴⁹. Por meio dessa campanha, ele garantiu o seu primeiro triunfo, na idade de vinte anos, sendo o primeiro a ser comemorado por um equestre⁵⁰. Mantendo-se como um desafiador do *mos maiorum*, Pompeu alcançou seu primeiro consulado quando ainda era muito jovem e sem cumprir os requisitos necessários para ocupar o posto, situação que levou à mobilização do Senado para a aprovação de um decreto excepcional à situação⁵¹. Essa primeira eleição, em 70 AEC, abre margem para discussão, com questões acerca da maneira que ele teria conquistado o cargo. Embora existam abordagens que sugerem ter ocorrido a eleição de Pompeu por meio de um posicionamento incisivo e desafiador do próprio, Robin Seager⁵² conjectura que a população tinha o comandante como um herói, enxergando nele uma figura próspera a servir os interesses da República, o que teria fundamentado sua eleição.

A carreira de Pompeu, todavia, não lhe garantiu muitos momentos gloriosos – ao menos, não na mesma proporção de suas vitórias e triunfos militares. De qualquer maneira, na condição de um general proeminente, Pompeu esteve inserido em diferentes redes de contatos. Buscando meios para sustentar-se militar e politicamente, ele era uma figura cuidadosa com seus vínculos, sendo muito interessado nas relações de patronagem – as quais pareciam estar sempre em expansão, tendo em vista a regularidade em atrair novas figuras ou mesmo grandes regiões à sua teia de relacionamentos⁵³. Ademais, outro ponto elementar é que esses vínculos não eram infíndos, ao passo que os grupos de interconexões eram igualmente instáveis. Nesse sentido, era comum para esse general unir-se ou desfazer alianças de acordo com o cenário político externo. Nas palavras de Seager: “[...] Pompeu nunca mostrou qualquer hesitação em trair amigos antigos quando a ocasião demandasse”⁵⁴.

A partir disso, ganha luz o laço que havia entre Pompeu e Cícero, marcado por situações fortunas e, na mesma medida, desencontros e afastamentos. Antes de mais nada, é caro para nós estabelecermos o teor do relacionamento que envolvia esses dois homens. De acordo com

49 SEAGER, 2002, p. 27-28.

50 SEAGER, 2002, p. 29.

51 SEAGER, 2002, p. 36.

52 SEAGER, R., 2002, p. 36-37.

53 CORMACK, M. *Creatures of the triumvirs: a study of the patron-client relationship in the Late Roman Republic*. Thesis (Honors Program) – Department University Scholars, Baylor University, Waco, 2016, p. 4.

54 SEAGER, 2002, p. 27.

Williams Júnior⁵⁵, a relação entre ambos se configurava como um vínculo político de necessidade, direcionando-se pelas vantagens que poderiam ser obtidas. Em uma ótica geral, vê-se que a interação e suporte mútuo desempenhou um papel de extremo valor para o crescimento público de ambos, ou seja, tanto Cícero quanto Pompeu sedimentaram suas carreiras com a colaboração dessa conexão interpessoal⁵⁶. Essa perspectiva é plausível quando nos debruçamos a respeito das interações que ocorriam na República, como veremos a seguir.

O momento exato em que ocorreu o primeiro contato Pompeu e Cícero é difícil de precisar devido à ausência de documentação sobre tal fato. As epístolas enviadas para Ático não permitem saber o ponto inicial da ligação, todavia, a carta número um do primeiro livro, datada de 65 AEC, revela uma menção direta a Pompeu. Cícero relata para seu destinatário que espera a presença de Pompeu em Roma para as eleições e considera que o equestre o auxilie nessa tarefa. Lê-se na passagem: “Faça o seu melhor para obter a ajuda de nosso amigo Pompeu, bem, você não está longe. Diga a ele que não ficarei ofendido se não estiver presente para minha eleição”⁵⁷. Ora, entendemos que a partir dessa afirmação é plausível apontar a existência de um relacionamento bem desenvolvido entre o general e o orador. Ainda sobre isso, afirma-se em um discurso historiográfico amplo de que a aproximação inicial entre eles se gestou durante a Guerra dos Aliados, com ambos compondo o exército de Pompeu Estrabão⁵⁸. De fato, essa foi a primeira experiência militar de Cícero, contudo, isso não indica que ele tenha estabelecido qualquer relacionamento com Pompeu a partir desse momento. Sobre isso, Kathryn Tempest⁵⁹ compreende que só seria possível afirmar um primeiro alinhamento político concreto desses homens posterior a 66 AEC, quando o senador cuidadosamente iniciava sua caminhada à eleição consular e Pompeu buscava o comando da Terceira Guerra Mitridática⁶⁰.

Um período determinante para investigar a sociabilidade mantida por Cícero e Pompeu é a década de 60 AEC. Considerando o arranjo político desse período, o arpinate já demonstrava sua preocupação com as eleições do consulado, de modo que concentrou seus esforços em cultivar uma rede de apoio próspera. De maneira análoga, Pompeu estava cada vez mais interessado

55 WILLIAMS JR, 2013.

56 TEMPEST, K., 2011, p. 67; WILLIAMS JÚNIOR, 2013, p. 8.

57 Cícero, *Ep.* I. 1.

58 RAWSON, E. *Cícero: A Portrait*. London: Penguin Books, 1975.

59 TEMPEST, K. *Cícero: Politics and persuasion in Ancient Rome*. New York: Continuum, 2011, p. 78-79.

60 Em 66 AEC, Mitridates VI, rei do Ponto, retomava a guerra contra a República Romana a fim de recuperar territórios anexados por eles no Oriente. Entendida como Terceira Guerra Mitridática, o conflito teve início em 74 AEC e os cônsules foram comissionados para a guerra: Lúcio Licínio Lúculo e Marco Aurélio Cota. Entre os desdobramentos do confronto e as disputas dentro de Roma, buscou-se um novo comandante. E após vencer a relutância do Senado, Pompeu assumiu o comando da guerra em 66 AEC, encerrando-a vitorioso em 62 AEC (SHERWIN-WHITE, 2008, p. 233, 234, 251).

em fortalecer sua carreira pública, visando comandos de destaque na República. Nesse sentido, um primeiro efeito da interação desse relacionamento é a aprovação da *Lex Manilia*. Após sua campanha vitoriosa contra embarcações invasoras na costa mediterrânea, em 67 AEC, aprovada por meio da *Lex Gabinia*, Pompeu viu-se em uma posição vantajosa para ocupar o posto de general na guerra contra Mitrídates, Rei do Ponto. Essa possibilidade existia desde que as agitações entre equestres e senadores estavam minando o poder de Lúculo, cônsul daquele ano e responsável por liderar as tropas romanas até aquele momento. Seguindo o cenário de hostilidade em Roma, o tribuno Manílio levantou a proposta de transferir o comando da guerra para Pompeu. Nessa medida, o *imperium* concedido ao general pela *Lex Manilia* seria ampliado, englobando províncias na região da Bitínia e Ponto, além de ter autonomia para nomear mais legados e autoridade para decretar paz ou guerra⁶¹.

A indicação de Pompeu, no entanto, estava cercada de insatisfação e receio por parte dos grupos mais tradicionais de Roma. Essa era uma sugestão polêmica, vista como uma ameaça pelos aristocratas, os quais acreditavam que outro comando com tais proporções era arriscado, além de temerem que a ambição de Pompeu se tornasse um revés para a República. Ademais, figuras proeminentes no Senado entendiam que Lúculo já conquistava a vitória, assim não haveria razões militares para a substituição e, conseqüentemente, a passagem dos créditos exclusivamente a Pompeu⁶². Inserido nesse debate, Cícero apresentou seu primeiro discurso público, por meio do qual defendeu a posição de Pompeu como general. Preservado até os dias de hoje, o *Pro Lege Manilia* traz os feitos de Pompeu em nome da República, exaltando-o como um general virtuoso. O orador destaca a incorruptibilidade do general, característica que o diferenciaria dos demais⁶³. É ressaltado, também, que Pompeu seria favorecido pelos deuses, além de contar com as próprias habilidades mentais e estratégias militares⁶⁴.

Ao considerar essa defesa pública, Williams Júnior⁶⁵ pondera que Cícero possuía múltiplos motivos para fazê-la, sendo o principal deles conquistar o apoio do equestre e da plebe romana. É preciso também considerar o impacto que o conflito na Ásia tinha sobre os negócios realizados pelos grupos de comerciantes, financeiros, entre outros. Em adição, com essa declaração, o arpinate unia sua imagem à do general, declarando a sociabilidade que havia entre eles e, até

61 AMELA VALVERDE, 2003, p. 119-120; GILDENHARD, I.; HODGSON, L., 2014, p. 250.

62 AMELA VALVERDE, 2003, p. 120; WILLIAM JR, 2013, p. 35.

63 CÍCERO, *Leg. Man.*

64 CÍCERO, *Leg. Man.*

65 WILLIAMS JÚNIOR, 2013, p. 37.

mesmo, alcançando outros aliados da rede interpessoal de Pompeu⁶⁶. Ainda assim, observando a maleabilidade desses relacionamentos, é indispensável ponderar que embora o discurso configure um grande marco do relacionamento político que ambos sustentavam, Cícero não estava interessado em marcar uma aliança exclusiva com o general. Afinal, às vésperas da eleição consular, o principal objetivo do orador voltava-se a construir uma ampla base de apoiadores⁶⁷.

Eleito para o cargo de cônsul em 63 AEC, em uma disputa contra Antônio Híbrida e Sérgio Catilina, Cícero proclamava-se como um governante que desejava paz e liberdade para a sociedade romana. No início de seu consulado, foi apresentado um projeto de reforma agrária pelo também recém-eleito tribuno da plebe Públio Servílio Rulo, no qual intentava-se resolver a falta de terras dos cidadãos e permitir o crescimento da agricultura em pequenas propriedades. Tal proposta previa o surgimento de novas terras por meio de um território fértil na região da Campânia, as quais seriam distribuídas para a plebe e para os veteranos pompeianos que retornassem da guerra⁶⁸. Guiado por diferentes razões, Cícero foi contrário à lei, especialmente por entender que os interesses de Pompeu não estariam tão bem representados. Não há como traçarmos quais seriam os planos do general, mas há a compreensão de que o orador buscou colocar-se como defensor do aliado ausente. Nas palavras de Francisco Pina Polo⁶⁹, “[...] Cícero decidiu apresentar-se unilateralmente, sem sua autorização, como porta-voz e defensor da general ausente, para engrandecer sua figura aos olhos do povo, mostrando-se como um estadista amigo do grande imperador do momento”.

Apesar dos eventos mencionados acima, a aparente estabilidade do relacionamento rompe-se quando consideramos o final do consulado ciceroniano. Com o retorno do comandante a Roma, em meio à comemoração do triunfo pós-guerra, os interesses outrora em bases comuns passaram a divergir, acarretando o afastamento entre Cícero e Pompeu. A circunstância de atrito deveu-se à Conjuração de Catilina⁷⁰, evento que refletiu enormemente sobre a República e não contou com qualquer colaboração de Pompeu. Segundo a perspectiva desenvolvida por alguns historiadores contemporâneos⁷¹, o sucesso de Cícero em Roma como um herói da República teria ofuscado os avanços realizados pelo comandante na Ásia. O ressentimento de Cícero com

66 TEMPEST, 2011, p. 72

67 TEMPEST, 2011, p. 73; WILLIAM JR, 2013, p. 39-41.

68 PINA POLO. *Marco Tulio Cicerón*. Barcelona: Editorial Planeta, 2016.

69 PINA POLO, 2016.

70A Conjuração de Catilina, como ficou conhecida a conspiração, buscava atacar a República e aos magistrados eleitos liderada por Lúcio Sérgio Catilina, adversário do arpinate na eleição para o consulado de 63 AEC. Desejando contornar a situação de ameaça, Cícero utilizou-se da autoridade de seu cargo e condenou os conspiradores aliados de Catilina à morte sem julgamento prévio (PINA POLO, 2016; TEMPEST, 2011).

71 GREENHALGH, P. *Pompey: the Roman Alexander*. London: Butler & Tanner, 1980, p. 184; WILLIAMS JR, 2012, p. 49.

a ausência de suporte e congratulações por parte de Pompeu sobre os feitos contra Catilina e os conspiradores é digno de nota e, sobremaneira, pode ser observado em uma missiva do arpinate endereçada ao general em 62 AEC: “Minhas realizações foram tais que eu esperava alguma referência de parabéns a elas em sua carta, em consideração, não apenas por nossa intimidade, mas por sua importância para a República”⁷².

De modo similar, expressando sua insatisfação com a falta de Pompeu, em 61 AEC, Cícero envia para Ático uma missiva na qual ocupa-se em atualizá-lo sobre um discurso público feito pelo general romano. Desse modo, alega: “Já comuniquei a você anteriormente como foi o primeiro discurso público de Pompeu: não foi alegre para os pobres, nem de interesse para os maus cidadãos, nem agradável para a gente honesta, nem sério para os ricos: assim foi de frio”⁷³. Mas, para além da passagem observada acima, o orador reflete principalmente sobre a frieza e indiferença que continha o discurso de Pompeu, de maneira especial quando comparado à fala pública de Crasso que, de maneira contrária, haveria apresentado palavras eloquentes sobre o consulado ciceroniano⁷⁴.

Podemos depreender que a fragilidade desse relacionamento é destacável, sujeito às flutuações da organização política e jogos de interesses que cercavam essas figuras públicas. Apesar disso, como tratado anteriormente, essa característica não diminuía a potência dessa rede de contato; na verdade, ocorria o efeito contrário. Esses períodos de afastamento permitiam que novas aproximações fossem feitas, novas trocas de informações e vínculos a serem formados. Desde o início de sua trajetória, Cícero esteve interessado em transitar por diferentes círculos, dialogando com diferentes pessoas. Nesse sentido, mesmo que períodos de distanciamento ocorressem, eles não estavam completamente à margem das estratégias. Nessa lógica, é justamente o movimento de avanço e recuo da conexão de ambos que se revela nas epístolas remetidas entre os anos de 61 e 59 AEC.

Em 60 AEC, quando Cícero começou a sofrer mais diretamente com as tensões políticas resultantes de atitudes passadas, cresceu a intenção em articular uma rede que pudesse lhe oferecer certa segurança. Nesse interim, frisamos uma das mensagens enviadas em meados de março do ano mencionado, na qual relata para Ático o cenário turbulento que enfrentava a República e destaca sua urgência em solidificar sua rede interpessoal para salvaguardá-lo das ameaças que

72 Cic., *Att.*, V. 7.

73 Cic., *Att.*, I., 14.

74 Cic., *Att.*, I. 14.

surgiam. Por conseguinte, fica exposta a importância de Pompeu aos olhos do arpinate. Observe-se a seguinte passagem:

Assim então, convenci Pompeu, que já estava em silêncio por tanto tempo sobre meus assuntos, de maneira que não apenas uma vez, mas várias, ele atribuiu-me a salvação do Império e de todo o mundo no Senado. Isso não apenas serviu aos meus planos [...] como também aos da República, porque havia certos patifes que acreditavam que havia alguma discrepância entre mim e Pompeu nessas questões. Estou unido a ele por uma amizade tão grande que nós dois podemos ser mais confiantes como indivíduos e mais fortes em todas as atividades políticas⁷⁵.

Em tal período, Cícero demonstra confiança sobre seu vínculo com Pompeu. Nesse primeiro momento, com as ameaças de Clódio cada vez mais recorrentes, o arpinate parece confiar que o general era capaz de – e, principalmente, estava interessado em – protegê-lo. Ao mesmo tempo, Pompeu movimentava-se a fim de atingir seus próprios objetivos, entre os quais estavam a ratificação das terras que havia conquistado no Ocidente e a concessão de terras aos seus veteranos da guerra. Todavia, seus oponentes resistiam pelo receio de seu aumento de poder, para além da indisposição do cônsul Quinto Metelo Celer em colaborar – afetado pelo recente divórcio de Pompeu e sua irmã, Múcia Tércia. Nesse sentido, a atenção do general estava voltada à possibilidade de associação com Júlio César e Crasso, para a formação do primeiro “*triumvirato*”⁷⁶. Com o estabelecimento da coligação, a sociabilidade que existia entre o orador e o general viu-se, mais uma vez, afetada. Sobre isso, Cícero registra sua decepção com as escolhas políticas de Pompeu nas epístolas para Ático: “Meu querido amigo Pompeu, com minha grande dor, destruiu-se”⁷⁷. Uma reação compreensível, desde que a aliança entre os três homens vinha acompanhada de uma ameaça expressa à República – tão defendida por Cícero. Apesar disso, o vínculo sustentou-se, em alguma medida, até 59 AEC, visto que o arpinate ainda contava com a proteção de Pompeu para a contenção das ameaças de Clódio. Verifiquemos, à título de exemplo, o trecho de uma carta escrita nesse ano, que traduz sua dependência em confiar no triúviro:

Pompeu me estima e me aprecia. ‘Sério?’ Você me dirá. Eu penso que sim; isso me convence em tudo, mas só porque quero ser persuadido. Especialistas jurídicos nos contam em todas as suas histórias, máximas e em seus versos que nós guardamos e que não confiamos no resto. Para me proteger, sigo um preceito, mas não posso seguir o outro: não confie⁷⁸.

Seguindo o raciocínio, voltamo-nos para os meses anteriores ao exílio ciceroniano. Período em que o distanciamento que atingiu o vínculo de ambos fica explícito, respondendo

75 Cic., *Att.*, I. 19.

76 Admitimos a nomenclatura devido à maior familiaridade para referenciar a coligação entre esses três homens, todavia é necessário traçarmos que essa é uma classificação equivocada, desde que esse foi um acordo privado e apoiado pela obrigação política e moral mútua, diferente do que viria a ser o *triumvirato* formado mais tarde por Otávio, Antônio e Lépido, em 43 AEC (PINA POLO, 2016).

77 Cic., *Att.*, II. 19.

78 Cic., *Att.*, II. 20.

justamente à maleabilidade que as conexões interpessoais estavam sujeitas à época. Embora o orador afiançasse para Ático que confiava na ajuda de Pompeu, não é possível afirmar se ocorreu algum suporte efetivo nos meses anteriores ao banimento de Cícero. Para Williams Júnior⁷⁹, qualquer movimentação que possa ser indicada é mínima. Isso porque naquele momento, Pompeu cultivava uma ampla rede de ligações que esperava por uma posição decidida de sua parte. Assim, inserido na sociabilidade pompeiana estava Clódio, adversário do arpinate que se encontrava muito próximo dos triúmviros e que seria caro às estratégias do trio romano ao apoiá-los sem hesitação⁸⁰ – diferentemente de Cícero. Dessa maneira, o general precisou selecionar entre seus laços aquele que lhe era mais vantajoso frente à conjuntura que se formava em Roma. Por essa razão, o arpinate viu-se em uma posição secundária dentro da rede de sociabilidade nesse período.

Desprotegido, Cícero seguiu para o banimento em 58 AEC. Todavia, esse painel complexo de variadas aproximações e distanciamentos rapidamente sofreu outra alteração. Após alguns meses do banimento do orador, Clódio provocou um quadro de indisposições com aqueles homens que outrora eram tidos como seus aliados. A autoridade que passava a cultivar como tribuno da plebe afetava os interesses de diferentes grupos, mas o agravante em suas atitudes se encontra no avanço que fez contra Pompeu ao atrapalhar a estratégia deste último com o rei Tigranes⁸¹. Tendo isso em vista, a aproximação com Cícero e o apoio para seu retorno a Roma moldaram-se como um ataque a Clódio. Assim, durante o processo de restauração, o orador comunicou a Ático suas esperanças e buscou informações a respeito dos movimentos políticos que o general realizava em Roma. O retorno ciceroniano, por outro lado, também representou um ganho político para Pompeu⁸², bem como evidenciou a conectividade entre eles. Ademais, entre os discursos que realizou logo após seu retorno, Cícero cuidou em apresentar uma fala no Senado propondo a indicação extraordinária do general para o cargo de abastecimento dos grãos em Roma (*cura annonae*); a proposta foi aprovada pela população e Pompeu esteve no comando pelo prazo de cinco anos⁸³.

O período final do relacionamento do Cícero e Pompeu é, de certa maneira, obscurecido pelos eventos finais da vida do general, ou seja, a crise com Júlio César e os seus rivais políticos⁸⁴.

79 WILLIAMS JR, 2013, p. 65.

80 CORMARCK, 2016, p. 15.

81 Pompeu havia capturado o filho do rei Tigranes, da Armênia, e estava utilizando-o como vantagem. Todavia, Clódio colocou-se contra o sequestro e conseguiu liberar o refém, plano que acabou não funcionando por conta de uma tempestade, com o príncipe retornando para o domínio de Pompeu (SEAGER, 2002, p. 103).

82 WILLIAMS JR, 2013, p. 72.

83 PINA POLO, 2016; GILDENHARD; HODGSON, 2014.

84 WILLIAMS JR, 2013, p. 103.

Além disso, no período posterior ao exílio, Cícero esteve dedicado à reconstrução de sua imagem e *status* dentro da sociedade romana. Enquanto Pompeu lidava com o cargo de cônsul em 52 AEC, entre 51 e 50 AEC, o arpinate esteve afastado de Roma para atuar como procônsul na província da Cilícia. Com isso em mente, podemos dizer que é durante os acontecimentos da Guerra Civil que se torna mais palpável a sociabilidade entre o Cícero e Pompeu. Nas cartas enviadas para Ático, o orador oferece uma rica descrição sobre a atividade pompeiana, com um olhar minucioso acerca das escolhas feitas pelo general. Além disso, fica exposta a rede de conexão realizada naquele período, trocando informações e explorando alternativas aos problemas que ganhavam um aspecto cada vez mais belicoso, ameaçando-os e à República⁸⁵.

É necessário frisar que Cícero não estava satisfeito com a atmosfera de conflito e que, em acréscimo, a preocupação com sua própria segurança é uma constante nas epístolas trocadas no período. O orador temia não apenas as ações de César contra Roma, mas a situação em que se colocaria quando optasse expressamente por um lado da disputa. A partir disso, conjectura-se que o suporte que ofereceu a Pompeu ocorreu por meio de um sentimento de obrigação, como um ato de retribuição pelo apoio que recebeu do general em sua restauração, em 57 AEC. Em uma carta para Ático, em 49 AEC, Cícero revela que embora Pompeu estivesse caminhando para uma guerra desastrosa, ele acredita que deve ajudá-lo da mesma forma que foi auxiliado em seu exílio⁸⁶. Já em novembro de 48 AEC, com outra missiva para o equestre mencionado, o arpinate lamenta perder um homem íntegro, puro e sério como Pompeu, ressaltando, dessa maneira, o relacionamento político que haviam mantido⁸⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora estejamos assistindo ao crescimento dos estudos sobre a sociabilidade na Antiguidade, ainda são poucos os trabalhos que se concentrem sobre o período da República Romana. Com o intuito de iluminar os relacionamentos interpessoais, seus usos e características à época, recorreremos a Cícero e seu vínculo com Pompeu. Afinal, como foi possível argumentar acima, o orador era uma figura bastante relacionada, cautelosa com a formação de seus laços e sua manutenção. Paralelamente, marcado por uma trajetória extraordinária e desafiadora à tradição republicana, Pompeu também se revela um homem disposto a articular-se por meio de suas redes

85 GILLES, G. Family or faction? The political, social and familial networks discerned from Cicero's letters during the Civil War between Caesar and Pompey. *Journal of Historical Network Research*, v. 4, p. 114-155, 2020, p. 116.

86 Cic., *Att.*, IX, 8.

87 WILLIAMS JR, 2013, p. 133.

interpessoais. De tal modo, buscou-se analisar a sociabilidade exercida por Cícero e Pompeu em seu relacionamento, tendo em vista a influência recíproca que tiveram na construção de suas carreiras. Para isso, observamos a interação mantida entre eles por meio de uma capitulação geral dos eventos que marcaram esse laço.

Seguindo com o raciocínio, é indispensável refletir acerca da maleabilidade presente nos vínculos interpessoais e, mais do que isso, grande característica da relação mantida entre Cícero e Pompeu. O orador destacava a importância das redes de sociabilidade em sua trajetória pública, ao passo que a maleabilidade era uma característica comum a esses vínculos interpessoais e que, apesar da instabilidade, a sua influência não era reduzida. Na verdade, quando pensamos acerca de redes interpessoais, os laços internos com mais flexibilidade resultam em redes diversificadas e, por conseguinte, com um amplo domínio; de maneira contrária, quando falamos sobre alianças que são completamente fechadas em si mesmas, assiste-se a um menor acesso de informações⁸⁸. Nesse ínterim, depreendemos uma análise acerca da relevância que as redes de sociabilidade tinham, em especial, para Cícero. Verificamos o quão caras as relações interpessoais foram na formação de sua carreira pública, sobretudo nos períodos de crise. Os próprios usos diferentes que o orador deu à *amicitia* revelam a flexibilidade dessas conexões e como elas demandavam uma interação bem estruturada, acarretando uma rede reciprocamente dependente. Por fim, acreditamos que a partir do relacionamento entre o orador e o general em questão foi possível alavancamos a discussão a respeito das benesses que poderiam ser proporcionadas por um vínculo social e, dessa maneira, contribuir para os estudos da sociabilidade na Antiguidade.

REFERÊNCIAS

Fontes

CÍCERO, M. T. *Cartas a Ático*. Introducción, traducción y notas de Juan A. Ayala. México: Universidad Autónoma de México, 1975.

CÍCERO, M. T. *Sobre a amizade (De amicitia)*. Tradução, introdução e notas de João Teodoro d'Olim Marote. Nova Alexandria: São Paulo, 2006.

Obras Gerais

AMELA VALVERDE, L. *Cneo Pompeyo Magno: el defensor de la República Romana*. Madrid: Signifer Libros, 2003.

⁸⁸ GRANOVETTER, 1983.

AZKONA, A. L. *La Constitución Romana Republicanana: Cneo Pompeyo Magno*. Monografía (Estudios Clásicos, Historia Antigua) – Universidad del País Vasco, Leioa, 2022.

BROWN-MOFFIT, M. *Cicero and his exploration of friendship*. Thesis (Bachelor of Arts in Classics) – Honors Program Theses, University of Puget Sound, Tacoma, 2019.

BRUNT, P. A. *The fall of the Roman Republic and related essays*. New York: Oxford University Press, 1988.

CORMACK, M. *Creatures of the triumvirs: a study of the patron-client relationship in the Late Roman Republic*. Thesis (Honors Program) – Department University Scholars, Baylor University, Waco, 2016.

GILDENHARD, I.; HODGSON, L. *Cicero, on Pompey's Command (De Imperio)*. Cambridge: Open Book Publishers, 2014.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties: a network theory revisited. *Sociological Theory*, v. 1, n. 6, p. 201-233, 1983.

GREENHALGH, P. *Pompey: the Roman Alexander*. London: Butler & Tanner, 1980.

KONSTAN, D. *A amizade no mundo clássico*. Tradução Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.

LINTOTT, A. The crises of the Republic: sources and source-problems. In: CROOK, J.; LINTOTT, A.; RAWSON, E. (ed.). *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008a, p. 1-16. v. 9.

LINTOTT, A. The Roman empire and its problems in the late second century. In: CROOK, J.; LINTOTT, A.; RAWSON, E. (ed.). *The Cambridge Ancient History*, [S. l.], v. 9, p. 16-40. Cambridge: Cambridge University Press, 2008c.

LOMAS, K. The weakest link: elite social networks in Republican Italy. In: ROSELAAR, S. T. (ed.). *Processes of integration and identity formation in the Roman Republic*. Leiden: Brill, 2012, p. 197-215.

LOMAS, K. Vicinitas: neighborhoods, networks and identities in Ciceronian Italy. *Gerión, Revista de Historia Antigua*, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 51-73, 2019.

MOFFIT BROWN, M. Cicero and his exploration of friendship. Thesis (Bachelor of Arts in Classics) – Honors Program Theses, University of Puget Sound, Tacoma, 2019. OLIVEIRA, A. C. A manutenção da *amicitia* a partir das estratégias de polidez das *epistolae ad familiares* de Cícero. *Verbum*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 100-114, 2021.

OLIVEIRA, A. C. *QVID ENIM SVM? O lugar do exilado na epistolografia ciceroniana*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

PÉREZ MEDINA, S. V. *Pompeyo, Craso y César (71-49 a.C.): sus actividades, relaciones personales y contactos políticos en la crisis de la República Romana*. Tese (Doutorado em História Antiga) – Facultad de Geografía e Historia, Madrid, 2015.

PINA POLO, F. *Marco Tulio Cicerón*. Barcelona: Editorial Planeta, 2016.

RAUH, N. Finance and estates sales in Republican Rome. *Vita e Pensiero*, n. 63, p. 45-76, 1986.

RAWSON, E. *Cicero: a portrait*. London: Penguin Books, 1975.

ROSILLO-LÓPEZ, C. Informal political communication and network theory in the Late Roman Republic. *Journal of Historical Network Research*, v. 4, p. 90-113, 2020.

ROSILLO-LÓPEZ, C. *Political conversations in Late Republic Rome*. New York: Oxford University Press, 2022.

ROSILLO-LÓPEZ, C. *Public opinion and politics in the Late Roman Republic*. New York: Cambridge University Press, 2017.

SEAGER, R. *Pompey the great: a political biography*. New Jersey: Blackwell Publishing, 2002.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Zahar: Rio de Janeiro, 2006.

STEEL, C. *The end of the Roman Republic, 146 to 44 b.C.* Edinburgh: University Press, 2013.

TATUM, J. Gang violence in the Late Roman Republic. In: FAGAN, G. E. et al. (ed.). *The Cambridge World History of Violence: The Prehistoric and Ancient Worlds*. Cambridge: University Printing House, 2020, p. 400-418.

TEMPEST, K. *Cicero: politics and persuasion in Ancient Rome*. New York: Continuum, 2011.

VERBOVEN, K. Friendship. In: PEACHIN, M. (ed.). *The Oxford Handbook of social relations in the Roman world*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 404-421.

VERBOVEN, K. *The economy of friends: economic aspects of amicitia and patronage in the Late Republic*. Leuven: Peeters Publishers, 2002.

VERBOVEN, K. The utility of affection: Towards a new approach to 'friendship' in ancient Rome. In: "Actor, agency, network": personal relations as structuring elements in the formation of broader networks (late antiquity until early modern times) – Studiedag aan de VUB, georganiseerd door het Medieval Friendship Network, Brussels, 2006.

WHITE-SHERWIN, A. Lucullus, Pompey and the east. In: CROOK, J.; LINTOTT, A.; RAWSON, E. (ed.). *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 229-274. v. 9.

WILLIAMS, C. A. *Reading Roman friendship*. New York: Cambridge University Press, 2012.

WILLIAM JR, C. E. *Pompey and Cicero: an alliance of convenience*. Thesis (Master of Arts) – Texas State University, San Marcos, 2013

Recebido em: 28/08/2023 – Aprovado em: 22/01/2024